

Projeto de coleta seletiva de lixo será lançado na próxima sexta-feira (30) em Laranjeiras do Sul

Nesta sexta-feira (30), às 19h, no Cine Teatro Iguassu, será lançado o projeto de coleta seletiva de lixo em Laranjeiras do Sul. Esta é uma realização da prefeitura municipal em parceria com o projeto de extensão “Coleta Seletiva e Desenvolvimento Sustentável: desafios e potencialidades para o município de Laranjeiras do Sul”, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Laranjeiras do Sul.

Gestores públicos, empresários e membros da sociedade civil organizada estão convidados para o evento, que apresentará o projeto de coleta seletiva da prefeitura municipal. O objetivo é mostrar a importância do envolvimento das entidades nesse processo. Estarão presentes a secretária municipal de Agricultura e Meio

Ambiente Rosângela Maria Anghinoni Ramos e o diretor do Campus Laranjeiras do Sul Paulo Henrique Mayer.

O projeto de extensão “Coleta Seletiva e Desenvolvimento Sustentável”, coordenado pela professora Deise Maria Bourscheidt, objetiva diagnosticar o quadro atual e conscientizar sobre a coleta seletiva, com adequada disposição de rejeitos e destinação de resíduos no município. O projeto busca ainda identificar usos e destinos possíveis para os rejeitos e resíduos.

Também participam do projeto de extensão as professoras Janete Stoffel e Tania Helena Neunfeld, os alunos bolsistas Marcio Rodrigo de Oliveira e Andrea Rodrigues e os alunos voluntários Edson Novak de



Oliveira, Rosemari de Lima e Maria Helena Prestes.

Uma nova ação de conscientização da população em geral sobre a importância da separação de materiais recicláveis acontecerá no dia 05/06, às 13h30, com uma caminhada, que iniciará na Praça do Laranjinha.

Campus Chapecó discute geografia crítica em evento nesta terça-feira

Em alusão ao Dia do Geógrafo (comemorado oficialmente no dia 29 de maio) o curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó realiza, nesta terça-feira (03) a mesa-redonda “O Movimento da Geografia Crítica no Brasil, A Associação dos Geógrafos Brasileiros e o Congresso Brasileiro de Geografia”. O evento é aberto ao público em geral e inicia às 19h15min, no auditório do Bloco A. Não serão exigidas inscrições prévias.

Para os debates e palestras foram convidados os professores Orlando Ferreti (UFSC), Dilermando Cattaneo da Silveira (UFFS – Campus Erechim) e Jorge Montenegro Gómez (UFPR). “A ideia central é realizar uma contextualização do pensamento crítico da geografia a partir da década de 1970”, antecipou o professor de Geografia da UFFS - Campus Chapecó, Willian Simões.

Segundo Simões, o evento também vai tratar do 7o Congresso Brasileiro dos Geógrafos, que acontecerá de 10 a 16 de agosto em Vitória (Espírito Santo). O evento é promovido a cada 10 anos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). O tema deste ano é “A AGB e a Geografia Brasileira no Contexto das Lutas Sociais Frente aos Projetos Hegemônicos”.

Seis projetos de Extensão da UFFS são apresentados em congresso nacional

Durante o período de 19 a 22 de maio, a Universidade Federal da Fronteira Sul esteve presente no 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU) com a apresentação de seis projetos de extensão em andamento nos campi da Instituição. O grupo foi composto de representantes da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), docentes orientadores dos projetos e estudantes bolsistas.

O evento aconteceu em Belém, no estado do Pará, e teve como tema “Diálogos de Extensão: saberes tradicionais e inovação científica”. Na programação do 6º CBEU constaram várias atividades acadêmicas, culturais e oficinas.

Os projetos de Extensão foram apresentados de forma oral durante o Congresso. Um deles foi o Programa de Extensão em Segurança Alimentar e Nutricional na Microrregião de Capanema, em execução no Campus Realeza. Na opinião de Amélia Dreyer Machado, coordenadora do Programa, a participação da UFFS no 6º CBEU foi importante tanto para tornar a Universidade conhecida como para trocar experiências com colegas professores, estudantes e TAEs de outras instituições. “Conhecemos práticas muito interessantes, que podemos implantar na UFFS, de como trabalhar o tripé ensino/pesquisa/extensão a partir da matriz curricular, de forma interdisciplinar e interinstitucional”, avalia Dreyer Machado.

Para Tiago da Costa, coordenador do projeto Estruturação e articulação de ações de comercialização alternativa de alimentos ecológicos nos núcleos regionais Luta Camponesa e Monge João Mariada Rede Ecológica de Agroecologia, do Campus Laranjeiras do Sul, “o evento foi importante para discutir a interlocução entre saberes tradicionais e a prática científica, para di-



mensionar os desafios e as potencialidades da extensão universitária no Brasil, para reforçar a importância da articulação entre as organizações públicas, privadas e sociais no planejamento, execução e avaliação da extensão e para dar visibilidade para ações de extensão em diversas áreas estratégicas para o Brasil’.

A UFFS – Campus Laranjeiras do Sul participou de mesas temáticas e apresentou algumas das ações de projetos de extensão realizados pela Instituição. Conforme Costa, “os desafios para avanço da extensão na UFFS são a articulação entre os processos de ensino e pesquisa, o apoio permanente para o financiamento das atividades de extensão, a desburocratização e qualificação dos processos de execução orçamentária, a adequada visibilidade das ações desenvolvidas, e o reconhecimento das atividades de extensão no mesmo patamar do ensino e da pesquisa nas prioridades da universidade”.

O Campus Erechim apresentou o projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA): Uma Experiência Extensionista em Rede Pública de Ensino. A coordenadora do Projeto, Adriana Regina Sanceverino Losso, faz questão de salientar a relevância do evento para a extensão universitária. “A temática escolhida para o 6º CBEU aponta

para a importância de reconhecer a existência de diferentes conhecimentos, sob a perspectiva da ciência e do senso comum. Para que, de fato, os trabalhos de extensão se constituam como respostas cada vez mais dinâmicas e propositivas, é necessário um diálogo entre os protagonistas desses conhecimentos”, avalia Losso.

Projetos participantes:

- Campus Erechim: Educação de Jovens e Adultos (EJA): Uma Experiência Extensionista em Rede Pública de Ensino
- Campus Realeza: Nutrisan – Programa de Segurança Alimentar e Nutricional na Microrregião de Capanema (PR)
- Campus Chapecó: Gênero e Diversidade na Educação
- Campus Cerro Largo: Análise de Ações Extensionistas na Implantação de Hortas Escolares de Base Ecológica, Seus Efeitos e Desafios no Contexto Educacional
- Campus Laranjeiras do Sul: A Piscicultura como Nova alternativa de produção em Propriedades Familiares Rurais do Território Cantuquiriguaçu
- Campus Laranjeiras do Sul: Estruturação e articulação de ações de comercialização alternativa de alimentos ecológicos nos núcleos regionais Luta Camponesa e Monge João Mariada Rede Ecológica de Agroecologia.

Cultura hispânica é tema de evento organizado pelo curso de Letras do Campus Realeza

A Casa da Cultura de Realeza foi palco para a 3ª Movida Cultural Hispânica, organizada pela quinta fase do curso de Letras: Português/Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Realeza. Cerca de 200 pessoas prestigiaram o evento que contou com variadas apresentações artísticas, envolvendo teatro, música, dança e poesia, além de oficinas. A Movida tinha como proposta disseminar conhecimentos gerais sobre a cultura de países hispano-americanos, incentivando a compreensão social, artística e cultural do mundo hispano.

Para receber o público, integrantes do projeto de extensão Grupo de Teatro La Broma e projeto cultural “Joaninha ou o que é” fizeram uma tela viva, a partir da ilustração do quadro “A selva”, do pintor cubano Wilfredo Lam. Vestidos de preto e com máscaras tribais, eles retrataram um grupo de estranhas criaturas reunidas na orla de uma selva, figuras presentes na obra do artista cubano.

Logo após, veio a peça “Preguntame”, traduzida para o português “Pergunta-me”. A encenação foi baseada num programa de auditório, sendo os principais atores do espetáculo o próprio público. Ao lançar questionamentos relacionados a características de países hispano-americanos, os participantes deveriam escolher uma resposta correta. Após cada pergunta, vinha uma explicação em forma de apresentação artística, envolvendo dança, teatro, música e poesia. A atividade contou com a participação do Grupo Acordos Vocais, vinculado ao projeto de extensão Intervalo Musical.

Essa foi a primeira vez que a Movida Cultural Hispânica foi levada a comunidade,



sobre isso a coordenadora do evento, professora Ana Carolina Teixeira Pinto, explica que é importante conhecer a cultura dos países vizinhos ao Brasil, ainda mais que a cidade de Realeza está localizada próxima a fronteira. “Esse contato com a cultura hispânica é parte de um movimento de interação, além de estimular o estudo e o conhecimento sobre esses países. Isso também serve para que a nossa região pense na língua espanhola dentro da grade curricular e não no contraturno como acontece hoje”, destaca.

Também foram realizadas as seguintes oficinas: “Tango” e “Salsa”; Gêneros Musicais Hispano-americanos; Literatura Hispânica: Modernismo - Rubén Dário; Países hispano-americanos; Culinária típica; e Artes Plásticas.



Sobre a Movida

O nome do evento faz referência a “La Movida”, movimento de contracultura espanhol, ocorrido no final dos anos 70 e começo dos 80, após 40 anos de ditadura sob o regime do general Francisco Franco. O movimento aconteceu em várias capitais espanholas e teve representantes em todas as áreas da vida cultural: na literatura, na pintura, na fotografia, no cinema, no teatro, na moda, entre outros.

A atividade foi planejada e executada como parte das atividades avaliativas dos Componentes Curriculares Oficina de Projetos Interdisciplinares e Literatura Hispânica III, ministradas pela professora Ana Carolina Teixeira Pinto.

Professor do Campus Erechim lança livro sobre nacionalidade, futebol e imprensa na Copa de 1950

Com uma gama de ilustrações garimpadas em diferentes arquivos e em veículos de comunicação editados em quatro estados brasileiros no período aproximado de 1948 a 1950, o professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim, Gerson Wasen Fraga, lançou, na última semana, o livro “Uma Triste História de Futebol no Brasil – O Maracanço: nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 50”. A obra é fruto de uma pesquisa intensa realizada pelo historiador durante quatro anos, além de um período de avaliação da edição, com o acréscimo, especialmente, de fotos e imagens de páginas de jornais e revistas.

O livro trata da história da Copa do Mundo ocorrida no Brasil, que teve como desfecho a derrota da seleção brasileira, em pleno Maracanã, para o Uruguai. Por não existir registro completo do jogo, em imagem, a partida é repleta de lendas que se arrastam até hoje. Conforme consta na obra “o trabalho é sobre futebol e parte de sua história e, sobretudo, sobre a identidade brasileira e um enorme choque de mazelas: antigo versus contemporâneo, rural versus urbano, velho Jeca de Lobato versus novo homem brasileiro que surgia com a modernidade. Durante a Copa do Mundo de 1950, o futebol nos dava algo que a História nos negara: o orgulho de nós mesmos. (...) Até que nos sobreveio o gol de Ghiggia.”

Para a pesquisa o autor usou, principalmente, edições de quatro veículos de comunicação que circulavam na época: jornal Correio do Povo (RS), Revista do Globo (publicada em Porto Alegre e com circulação nacional), jornal A Tarde (de Salvador) e revista O Cruzeiro (editada no Rio de Janeiro e com circulação nacional). O livro foi lançado pela editora Méritos.

Saiba mais sobre a obra nas palavras do autor:

Qual o contexto em que ocorre a Copa de 50?

Gerson Fraga - 1950 era um momento de “fronteira” entre duas visões de brasileiro: Você tem aquela visão de brasileiro que é fruto das três raças tristes, lá do Paulo Prado – que aponta a mestiçagem como um problema -, ou seja, o brasileiro é o Jeca Tatu, digamos assim, é um atrasado por conta da sua formação. Mas também, já desde a Semana da Arte Moderna, em 1922, vem uma série de intelectuais dizendo que a cultura brasileira tem muitas coisas ricas, importantes, que nós podemos ser modernos, nós podemos pegar traços da nossa cultura, conjugar com coisas lá da Europa e criar uma terceira, que somos capazes de grandes realizações como qualquer outro povo e, no fundo, a miscigenação é uma coisa boa. Em 50, mais ou menos, essas duas visões estão em choque. O que acontece? Como um time de futebol são 11 pessoas escolhidas aleatoriamente, fica muito mais fácil projetar nesses 11

tudo que eu vejo de ruim e tudo que eu vejo de bom no país. Então, naquele momento, aqueles jogadores estariam representando esse embate, de certa forma, não para os outros, mas para nós mesmos. O que acontece, cada vez que o Brasil vai ganhando, se classifica para a fase final? Os jornais vão dizendo: “Agora sim, agora a gente vai mostrar para o mundo que somos capazes de conquistas, vamos mostrar nossa modernidade, como somos civilizados”. Parecia que ganhar a Copa era entrar no mapa do mundo na condição de país de primeiro mundo, de país desenvolvido. A gente mostraria a capacidade de conquista para os outros. Na verdade a gente não queríamos mostrar para os outros; queríamos mostrar para nós mesmos.



A derrota na final causa que efeito diante dessas expectativas?

Gerson Fraga - Quando o Brasil perde para o Uruguai o discurso de uma boa parte da imprensa na época é: “Olha só, perdemos. Perdemos por quê? Porque somos uns atrasados, uns incivilizados, somos uns Jecas; o problema é nossa formação histórica, nossa nacionalidade mal formada; o brasileiro é isso mesmo, nunca vai conseguir nada de melhor”. Outra parte diz: “Olha gente, era só um jogo de futebol, a gente queria mostrar civilização, mostramos; mostramos que o Brasil não é só Rio de Janeiro e São Paulo; queríamos mostrar capacidade de grandes realizações e construímos o maior estádio de futebol do mundo em apenas dois anos; perdemos porque era um jogo, porque o adversário era um time bom, só isso; o que a gente tinha que mostrar a gente mostrou”.

Após a Copa alguma dessas ideias prevaleceu?

Gerson Fraga - Mantém-se o choque. Existe muito forte esse embate ainda hoje. Você já deve ter ouvido isso muitas vezes: “essa bagunça, essa desorganização é coisa de brasileiro”. Isso constrói um grande senso comum de como o brasileiro é. Só que brasileiro é um grande saco de gatos de milhões de pessoas, portanto, não é assim. Então, depois de 1950, aqueles que viam a necessidade de ganhar a copa como uma prova da capacidade de conquista do brasileiro veem a derrota como uma prova de que nós nunca iríamos ganhar nada, mas outros diziam que não era assim. Até porque tem outra coisa que eu defendo no livro, com base nas ideias do importante historiador [Eric] Hobsbawm. Ele pontua que para uma nação ser considerada uma nação, no sentido moderno, você precisa de algumas coisas,

uma delas é a capacidade comprovada de conquista, o que ocorre, normalmente, no plano militar, na guerra. Bom, quando seria a capacidade comprovada de conquista do Brasil? Na Guerra do Paraguai? Mas na Guerra do Paraguai era um império ao lado de duas repúblicas lutando contra uma república e eu estou - em 1950 - em um período republicano, então não quero glorificar o império, portanto não serve. Canudos? É brasileiro lutando contra brasileiro, não serve, não fica bem. Segunda Guerra Mundial? Mas o Brasil entrou na Guerra aos 49 minutos do segundo tempo, teve uma participação pequena, não serve. Então não é no plano militar que o brasileiro prova a sua capacidade de conquista. Eu tenho que transferir isso para outro campo, esse campo para o brasileiro é o esportivo, bem especificamente o futebolístico, é lá que o Brasil quer se afirmar.

Programa de Iniciação Científica possibilita aproximação da UFFS com escolas de Ensino Médio

Com a publicação do Edital Nº 284/UFFS/2014 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio do CNPq (PIBIC-EM/CNPq), a Universidade Federal da Fronteira Sul abre novas possibilidades de interação com escolas de ensino médio das regiões de abrangência dos seus seis campi. O Programa é destinado a estudantes de escolas públicas do ensino regular, escolas militares, escolas técnicas ou escolas privadas de aplicação.

Os estudantes que participarem como bolsistas em algum dos projetos de iniciação científica do Programa receberão bolsa no

valor de R\$ 100,00, com vigência durante o período de 01 de agosto de 2014 a 31 de julho de 2015. O número de bolsas de iniciação científica disponíveis para a UFFS será divulgado pelo resultado da Chamada do PIBIC-EM/CNPq 2014-2016 a partir de junho de 2014.

O PIBIC-EM/CNPq funciona da seguinte forma: para viabilizar a proposta, o professor orientador (da UFFS) deverá procurar uma escola de ensino médio da região e estabelecer uma parceria para desenvolver um programa de educação científica e tecnológica com os estudantes do nível médio

em uma ou mais áreas do conhecimento do CNPq (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Vida e Engenharias, Ciências Exatas e da Terra).

As propostas deverão ser submetidas pelas escolas e estarem vinculadas a um projeto de pesquisa de docentes da UFFS (professor orientador) já institucionalizado ou que poderá ser institucionalizado. O período para submissão das propostas segue até o dia 09 de junho, e o resultado final acontece a partir de 16 de julho.